



"Ciência para redução das desigualdades"  
**XX Encontro de  
Iniciação Científica**  
Universidade Estadual Vale do Acaraú - UVA



## **PELOS PULSOS UMA EXPRESSÃO: UM ESTUDO SOBRE AUTOMUTILAÇÃO ENTRE JOVENS NA ESCOLA MARIA MARINA SOARES**

Autora: NASCIMENTO, Clecia Maria Lopes do<sup>1</sup>

Orientadora: MESQUITA, Marina Leitão<sup>2</sup>

**RESUMO:** Esse trabalho visa desenvolver uma breve análise sobre um tema ainda em processo de pesquisa para dissertação de mestrado no PROFSOCIO, qual seja, a automutilação entre jovens estudantes do ensino médio. A pesquisa tem caráter exploratório e compreensivo, visando analisar sociologicamente esses comportamentos tidos como desviantes e buscando apreender os sentidos e significados atribuídos à prática da automutilação pelos jovens. A pesquisa é realizada a partir de uma metodologia qualitativa, contando com as seguintes técnicas: observação participante, entrevistas semiestruturadas e grupo de discussão que serão confrontadas e dialogadas com um referencial teórico afins da temática.

**PALAVRAS-CHAVE:** Automutilação; Jovens; Escola

### **INTRODUÇÃO**

A automutilação entre jovens é um fenômeno que vem crescendo consideravelmente nos últimos anos como uma forma de expressão, são jovens praticantes de automutilação corporal, que pode ser identificada como um ato de se machucar com objetos cortantes ou perfurantes de uma forma superficial, sem a intenção de cometer suicídio, apenas com o intuito de sentir dor temporariamente por meio de cortes no próprio corpo mediante giletes ou estiletes.

O público alvo dessa pesquisa são jovens estudantes de uma escola de ensino médio da modalidade regular de educação pública de Guaraciaba do Norte-CE, Escola de Ensino Médio Maria Marina Soares, com uma faixa etária de 13 a 18 anos com comportamentos tidos como desviantes pela sociedade e pela instituição escolar.

Destaca-se assim a necessidade de buscar compreender e estudar esse fenômeno social, analisando esse comportamento autodestrutivo que está tornando-se habitual entre esses jovens estudantes através dos relatos de pesquisa que iremos colher partindo da seguinte problematização: De que forma esses jovens encaram a prática de autolesão do próprio corpo com a construção da sua identidade? Qual o sentido desse ato para os sujeitos que a praticam? Qual o sentido desses jovens

<sup>1</sup> Aluna do Mestrado Profissional de Sociologia em Rede Nacional-PROFSOCIO. Email: [cleciamldn@gmail.com](mailto:cleciamldn@gmail.com)

<sup>2</sup> Professora do Curso de Ciências Sociais-UVA. Email: [marinaaya@gmail.com](mailto:marinaaya@gmail.com)

conscientemente e voluntariamente atritar objetos cortantes contra o próprio corpo ao ponto de deixar marcas, mas não hospitalizar ou se suicidar? Seria uma doença, uma forma de se expressar, rito de passagem, identidade ou característica de um grupo, ou modismo?

A automutilação entre os jovens é uma temática nova e quase inexplorada como pesquisa social, a maior parte das produções sobre o assunto são abordadas em uma perspectiva de patologia clínica não como um fenômeno social que pode ser compreendido ou explicado sociologicamente. Como bem vem salientar, Arcoverde (2013):

O ato poderá ter interpretações diferentes de acordo com a posição adotada por quem interpreta. A autolesão pode ser tida por juristas como um crime, por médicos como um sintoma de transtorno mental, por psicólogos como forma de enfrentamento do sofrimento psíquico e por religiosos, como prática necessária à expiação dos pecados. (ARCOVERDE, 2013, p.16)

Em todos os campos do conhecimento tem seu viés discursivo, dessa forma pretendo pesquisar e compreender esse fenômeno social à luz da perspectiva sociológica esquivando-se do viés da medicina e suas ramificações como a psiquiatria, psicologia ou psicanálise que tratam sobre o assunto como um mero caso clínico passivo à tratamento e medicações. Como bem vem ressaltar, Cavalcante (2015):

A sociologia pode ter um papel importante na compreensão do fenômeno em questão, lançando novos olhares ou fazendo novas perguntas, explorando perspectivas e abordagens que nem sempre coincidirão com o que tem sido proposto, e mesmo receitado como remédio para curar sintomas de condutas adolescentes doentias. Uma postura crítica, pautada em estudo empírico, pode contribuir para conscientização e reflexão em torno de determinados fenômenos contemporâneos, não simplesmente procurando enquadrar e classificar o adolescente, muitas vezes encarado como figura passiva em certos estudos e abordagens, quando não pelo senso comum e pelos meios de comunicação ou o modo como estes retratam a autolesão no meio jovem. (CAVALCANTE, 2015, p. 22)

Dessa maneira, pretendo compreender esse objeto de estudo sociologicamente e não somente por fatores pessoais ou psicológicos tentando se abster de uma explicação freudiana psicanalista, que analisam essa ação como um fenômeno subjetivo ou um autoerotismo da dor, um conflito do inconsciente que não consegue lidar com o excesso de descarga de pulsão provocando assim uma espécie de ato masoquista.

## **METODOLOGIA**

Como já foi exposto, o público alvo serão jovens estudantes do ensino médio de uma escola pública do município de Guaraciaba do Norte, para compor os sujeitos da pesquisa serão selecionados jovens de ambos os sexos, de diferentes classes sociais, com idades entre 13 e 18 anos, pois é a faixa etária de estudantes de ensino médio.

Serão definidos os seguintes critérios para os sujeitos da pesquisa: Jovens que praticam autolesão frequentemente, jovens que não praticam mais cortes em seus corpos e ex-praticantes de

automutilação da escola que se dedicam a ajudar os colegas a passar por essas crises. Whyte (2005, p.153), afirma que para conhecer bem os comportamentos dos sujeitos da pesquisa “é necessário observá-los por um longo período e não num único momento”, muitos desses jovens são meus atuais alunos e também já os ensinei nos anos anteriores, tenho contato com eles diariamente e isso pode facilitar meu contato para entrevistas e observação participante na fase exploratória.

A observação participante é uma técnica muito eficaz que permite ao pesquisador observar, interagir e interpretar os comportamentos dos sujeitos sociais, além de acompanhar o cotidiano dos sujeitos de pesquisa, “aprender o ponto de vista dos nativos, seu relacionamento com a vida, sua visão de seu mundo” (MALINOWSKI, 1976, p. 33-34).

Ao buscar uma metodologia que possibilitasse aos entrevistados comodidade e liberdade para falar abertamente sobre assunto encontrei na técnica de pesquisa qualitativa, mais especificamente, no grupo de discussão, um encaixe perfeito aos meus sujeitos de pesquisa. Como bem ressalta, Wiviam Weller (2006) o grupo de discussão é uma técnica de pesquisa social empírica muito utilizada pelos intelectuais da Escola de Frankfurt no século XX, a partir da década de 1970 ganhou rigor metodológico passando a ser bastante utilizada em pesquisas sobre juventudes. “Os grupos de discussão, como método de pesquisa, constituem uma ferramenta importante para a reconstrução dos contextos sociais e dos modelos que orientam as ações dos sujeitos.” (WELLER, 2006, p. 246)

Segundo essa autora, esta técnica permite formar grupos de discussões e possibilita aos convidados refletir e expressar opiniões gerando assim, narrativas com detalhes minuciosos do convívio do convidado que não pode ser captado por uma simples técnica de entrevista. Assim, o grupo de discussão promove maior integração e interação entre os integrantes do grupo, possibilitando ao pesquisador (entrevistador), explorar mais sobre o seu objeto de pesquisa a fim de esclarecer possíveis dúvidas e hipóteses, lançando para o grupo “perguntas divergentes ou provocativas”. (WELLER, 2006, p.250)

Porém, é necessário cumprir alguns pré-requisitos básicos para alcançar os objetivos da metodologia como bem salientou Meinerz (2011), como o espaço, o tempo, os componentes, seleção e o recrutamento e o moderador. Seguindo esses passos a técnica será implantada em um ambiente em que os componentes sintam-se a vontade para se expressar, ouvir, interagir no tempo delimitado, tendo o moderador como mediador que irá instigador os diálogos e os temas geradores entre os participantes, sempre ouvindo e observando o grupo e coletando as informações com os devidos recursos metodológicos. Dessa forma, essa prática metodológica visará analisar os discursos sociais confrontando com as observações no campo de pesquisa e as informações anotadas no diário de campo.

## **DISCUSSÃO/RESULTADOS**

Partindo do pressuposto que juventude não pode ser considerado um grupo homogêneo e similar, pretendo compreender esses jovens estudantes em suas diferentes complexidades e pluralidades. Ao estudar tal temática nos debruçamos sobre uma infinidade de ramificações a qual as inúmeras maneiras de ser jovens estão estreitamente vinculadas a outros fatores e são de extrema importância no processo de socialização e construção de identidades como: nacionalidade, classe social, gênero, etnia, origem rural ou urbana, escolaridade, poder aquisitivo, religião, profissão etc. Desta forma, a identidade e comportamento do indivíduo é um produto social resultante das diversas experiências e construída por meio de um processo chamado de socialização em que os indivíduos interagem e se integram uns com os outros incorporando a cultura e valores por meio das relações sociais (BERGER; BERGER, 1978).

Porém, a identidade ou autoimagem do indivíduo também pode ser construída e influenciada pelas instituições sociais que o acolhem no decorrer da vida como, por exemplo, a família, escola, igreja dentre outras que tem o papel de socializar e integrar a criança na sociedade. Diante disso, pensar a juventudes e suas infinitas maneiras de ser jovem é compreender suas expressões no plural na vida social contemporânea, é um constante exercício de relativizar as práticas juvenis, pois essa fase transitória é marcada por conflitos, incertezas e medos, por isso pensamentos e comportamentos violentos ou suicidas são comuns nessa faixa etária. Como salienta José Machado Pais, “Histórica e socialmente, a juventude tem sido encarada como uma fase de vida marcada por uma certa instabilidade associada a determinados problemas sociais. Se os jovens não se esforçam por contornar esses problemas, correm mesmo riscos de serem apelidados de irresponsáveis ou desinteressados.” (PAIS, 1990, p. 141).

De acordo com Araújo, Bridi e Motim (2016), as dificuldades de adaptação e aceitação de responsabilidades à vida adulta por esses jovens na sociedade contemporânea se justificam pela ausência de um rito de passagem para essa nova fase da vida. Já para Pierre Clastres, “o objetivo da iniciação, em seu momento de tortura, é marcar o corpo: no ritual iniciatório, a sociedade imprime a sua marca no corpo dos jovens” (CLASTRES, 1990, p.128). Esses ritos de transição para a vida adulta são realizados por circunstâncias de prova de resistência, dor e tortura podendo envolver marcas físicas e escarificações pelo corpo para preparar o indivíduo para a nova fase que terá novos desafios e atestar sua coragem e determinação.

Miele (2002), faz uma análise comparativa entre a tatuagem e a automutilação, a primeira é uma intervenção no corpo com a proposta de exibição e demonstração da marca na pele, já a automutilação tem objetivo contrário e geralmente o indivíduo tem receio de mostrar, pois foi realizada somente para si mesmo, como um tipo de marca individualizada. Porém, segundo a autora,

alguns jovens disfarçam com uma tatuagem as cicatrizes deixadas pela automutilação como uma forma de esconder as lesões.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Essa pesquisa encontra-se em pleno desenvolvimento para fins dissertativos, mas como já percebemos há um vasto referencial bibliográfico a ser explorado e dialogado com a temática de pesquisa proposta, no qual deve ser constantemente submetida a revisão, leituras, diálogos e confronto com as demandas do campo de pesquisa.

Inicialmente podemos perceber que alguns jovens não conseguem lidar com essa fluidez dos laços humanos dessa sociedade contemporânea e buscam outras formas remediar a tristeza e a dor emocional por meio das mutilações corporais. Porém, podemos elencar a família como a mais importante instituição social que contribui para o aumento desses casos por meio das suas infinitas conflitualidades e divergências com os jovens. Cavalcante (2015), afirma que existem várias razões sociais que contribuem para o crescimento desse fenômeno e a internet é uma delas, principalmente as redes sociais, fornecendo material e experiências para automutilação corporal. Mas para fins de conclusão ainda é cedo para maiores compressões desse fenômeno social necessitando assim maior exploração e compressão de campo.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus e aos meus pais pelo dom da vida e sabedoria, ao curso de Ciências Sociais da UVA pela boa formação, ao Mestrado Profissional de Sociologia em Rede Nacional (PROFSOCIO) pela oportunidade de concretização desse sonho, ao meu marido e companheiro, João e ao meu filho amado, Nicolas Dayrell.

## REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, Silvia Maria de; BRIDI, Maria Aparecida; MOTIM, Benilde Lenzi. **Sociologia**. 2. ed. São Paulo: Scipione, 2016
- ARCOVERDE, Renata Lopes. **Autolesão, produção de identidades**. 2013. 84 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Psicologia Clínica, Universidade Católica de Pernambuco, Recife, 2013.
- CAVALCANTE, João Paulo Braga. **Autolesão na era da acerca de uma subcultura juvenil contemporânea**. 226 f. Tese (Doutorado) - Curso de Ciências Sociais, Departamento de Ciências Sociais, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2015.
- CLASTRES, Pierre. **Da tortura nas sociedades primitivas**. In: CLASTRES, Pierre. A sociedade contra o estado. 5ª ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1990. p. 123-31.
- DAYRELL, Juarez. **A escola “faz” as juventudes? Reflexões em torno da socialização juvenil**. Educação & Sociedade, Campinas, v. 28, n. 100. p. 1105-1028, 2007.

- DURKEIM, Émile. **Educação e sociologia**. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2011.
- DURKHEIM, E. **O suicídio: estudo de Sociologia**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- MALINOWSKI, Bronislaw. **Argonautas do Pacífico Ocidental**. Coleção os Pensadores. São Paulo, Abril, 1976.
- MEINERZ, Carla Beatriz. **Grupos de Discussão: uma opção metodológica na pesquisa em educação**, Educ. Real, v. 36, n. 2, p. 485-504, maio/ago. 2011, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Brasil.
- PAIS, José Machado. **A construção sociológica da juventude – Alguns contributos**. Analise Social, vol. XXV (105-106), 1990, p. 139-165.
- PAIS, José Machado. **Culturas Juvenis**. Lisboa, Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 2003.
- WELLER, Wivian. **Grupos de discussão na pesquisa com adolescentes e jovens: aportes teórico-metodológicos e análise de uma experiência com o método**. Educação e Pesquisa, São Paulo, v.32, n.2, p. 241-260, maio/ago. 2006.
- WHYTE, William Foote. **Sociedade de esquina: a estrutura social de uma área urbana pobre e degradada**. Tradução de Maria Lucia de Oliveira. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2005.